

parte 1 - cobertura ambiental e crise climática

[00:00:11] **Speaker 1** Olá, seja bem-vindo à aula 3 do curso de Jornalismo Científico: da pandemia à crise climática, como melhorar a cobertura da ciência. Esta é a parte 1 da aula 3, e o assunto de hoje é crise climática e cobertura ambiental.

[00:00:28] Para começar a nossa conversa, é importante destacar um ponto fundamental. Não existe debate científico sobre as alterações climáticas induzidas por atividade humana. Esse é um ponto sobre o qual a gente já conversou em aulas anteriores, mas é importante reforçar porque ele é de fato o nosso marco inicial da cobertura climática. Não existe debate, não existe dúvida. As alterações climáticas induzidas por atividade humana são um fato científico. Por que isso é importante? Pela interferência direta no nosso trabalho. Existe uma ideia muito difundida entre jornalistas, inclusive nas faculdades de jornalismo, de que o papel do repórter é o de ouvir os dois lados da história, ou os vários lados da história, e buscar um pretensão equilíbrio, é um pouco como o nosso modus operandi. Eu acho que, mais do que nunca, esse formato está colocado em xeque. O papel do jornalista, o papel do repórter, não é criar um equilíbrio onde ele não existe, é buscar a maior precisão possível na comunicação dos fatos, dos acontecimentos e daquilo que é registrado, no caso do jornalismo científico e ambiental, pelos pesquisadores.

[00:01:59] Então a gente pode organizar mais ou menos da seguinte forma. Até uma década atrás, ao reportar sobre a crise climática, o papel do jornalista era ajudar a estabelecer que esse tal de aquecimento global induzido por atividade humana estava acontecendo. Hoje isso está ultrapassado. Não existe debate, não existe dúvida, e o nosso papel é mostrar o que está acontecendo, o que pode ser feito à respeito, e cobrar das autoridades que elas atuem em cima disso. Ou seja, durante o seu processo de apuração na reportagem, você não precisa falar com negacionistas. Não é acabar com o dissenso, é qualificar o debate.

[00:02:45] Eu imagino que trazer as coisas desta forma possa gerar um certo conflito, ou refazer a gente pensar algumas coisas que estão estabelecidas na nossa cabeça. Para tentar organizar, eu separei da seguinte forma. A exclusão de ouvir negacionistas é válida sobretudo quando a gente está tratando de pautas ambientais e científicas. Eu entendo que ao cobrir política ou economia esse desafio seja um pouco maior, e aí se você se vê obrigado, seja por imposição de um editor, de uma editora, ou do próprio veículo onde você trabalha, ou mesmo porque você enxerga como importante ouvir o outro lado dessa história, então você precisa colocar as coisas em contexto. Tome todo o cuidado do mundo para não criar falsas equivalências. Não é certo, não é justo, não é adequado a gente colocar o cientista na mesma posição de alguém que está negando a ciência. Nesse caso a gente está falando de um consenso, de um fato científico, existe toda uma literatura a respeito disso. E se alguém está negando a ciência, precisa ser exposto na reportagem como negacionista, e a verdade precisa ser mostrada. Eu sugiro que essa seja sua conduta, sobretudo ao cobrir eventos relacionados às alterações climáticas na sua região. É aí que é importante que as coisas sejam colocadas em perspectiva ou no enquadramento correto. Porquê? Porque a mídia tem um papel fundamental na formação da opinião pública. A imprensa tem esse papel. Então existem estudos que apontam a importância de tomar o máximo de cuidado possível para não criar essas tão faladas falsas equivalências.

[00:04:50] Como, por exemplo, este estudo, que é recente, e que mostra em azul os cientistas e especialistas sobre questões climáticas, e em vermelho alguns dos

negacionistas com maior repercussão nas redes sociais, nos Estados Unidos. O eixo horizontal é o das publicações científicas, e o eixo vertical é o ambiente da internet e das redes sociais. Então você veja que, apesar do volume de publicação muito maior dos cientistas, eles estão ali na mesma altura em termos de repercussão, em termos de audiência, que os negacionistas. Nós temos um papel fundamental nisso.

[00:05:34] Para você estar alinhado com essa perspectiva mais contemporânea da cobertura da crise climática, é importante que você trate também de pautas que abordam as soluções, mas com muito cuidado, confrontando as promessas de soluções, às vezes mágicas, que vêm de setores da indústria, com os cientistas do clima, perguntando à esses cientistas, à essas pesquisadoras, o que eles acham daquela solução proposta, se eles já ouviram falar, isso é muito importante. Assim como é importante lembrar que a cobertura da crise climática hoje não é uma questão de nicho, ultrapassa as editorias de Meio Ambiente Ciência e passa por todas as editorias possíveis. Se você trabalha em cultura, existe uma perspectiva de cobertura por este viés. Quando a gente fala em tecnologia, esse cuidado é ainda mais importante porque existe um certo mito na sociedade de que a tecnologia é capaz de resolver todos os problemas. E isso não é verdade. A gente não pode alimentar mitos nas nossas reportagens, a tecnologia é uma parte importante da solução mas os cientistas sabem que a tecnologia sozinha não vai resolver.

[00:06:56] A gente pode traçar um paralelo e isso pode ficar muito claro a partir da pandemia. A gente viu a importância da tecnologia ao desenvolver as vacinas que estão salvando vidas. Ao apontar a segurança, por exemplo, do uso de máscaras, ao comunicar que o remédio X ou Y não funciona, e ao seguir na busca destes medicamentos. Isso é mérito da ciência e é mérito também da tecnologia à disposição dos cientistas e da indústria farmacêutica. No entanto, milhares de pessoas morreram ao redor do mundo porque nós, enquanto seres humanos, somos vulneráveis às forças naturais. E a gente está falando de um vírus. Se a gente comparar o potencial de destruição ou de impacto de um organismo dessa natureza com o sistema climático do planeta, a gente pode mensurar que a tecnologia é importante mas não resolve. A mudança da qual a gente precisa para mitigar os efeitos do clima alterado, passa por mudanças de hábitos de consumo e mudanças estruturais na economia e no mercado internacional de commodities, o uso dos combustíveis fósseis, e toda essa complexidade que a gente sabe que existe e que por isso torna o desafio tão grande. Então a gente tem que tomar cuidado ao reportar sobre algumas das soluções milagrosas que surgem, ou sobre de quem é a culpa, por exemplo, e também sobre algumas falas que colocam a imprensa como alarmista, ou os cientistas como alarmistas, o que não é verdade. Pelo contrário, os impactos estão acontecendo em ritmo mais acelerado do que aquele previsto pela ciência. Como diz o professor Paulo Artaxo, um dos principais pesquisadores e uma das principais fontes sobre alterações climáticas no Brasil, "a data limite já foi".

[00:09:02] E é por isso que o IPCC tem trabalhado exaustivamente já há algumas décadas para agregar um volume de informações e de dados científicos que podem apontar os caminhos, que podem direcionar essas mudanças das quais a gente precisa. Algumas das conclusões mais importantes do IPCC passam, por exemplo, por este último item, que trata dos eventos climáticos extremos acontecendo na forma de ondas de calor, chuvas e inundações, que podem ter tanto a sua severidade intensificada, quanto acontecer fora de época, quanto acontecer por um período mais extenso. Este é um cenário que abre muita perspectiva, muita possibilidade de cobertura jornalística, inclusive pelo viés social porque muitas das populações que vivem em locais mais expostos a esses eventos climáticos extremos, são populações vulneráveis, elas não são as

responsáveis pelo problema e são as primeiras a pagar o preço. Embora, a gente também saiba, os cientistas sabem, que a crise climática vai atingir os muito ricos também, mas é de uma maneira diferente e é uma oportunidade rica do ponto de vista jornalístico para a cobertura dessas populações e dos problemas que elas estão enfrentando. Mas eu faço um alerta com relação à essa cobertura de viés social, digamos assim. É importante que a parte jornalística do nosso trabalho, que a essência do nosso trabalho seja feita com o máximo de cuidado e da maneira mais minuciosa possível para que a gente possa ter uma precisão com relação às informações vindas da ciência ao reportar sobre o clima nessa realidade local. Por que embora o ativismo seja extremamente importante, cada um tem o seu lugar. E ao fazer jornalismo, a gente precisa cumprir bem essa parte de apuração e de reportar sobre o que a ciência está apontando para que, na minha visão, para que a gente cumpra o nosso papel nesse cenário enquanto os jornalistas.

[00:11:32] A gente caminha para o final da aula, mas antes eu quero registrar dois pontos que considero importantes para você. Um é sobre o Antropoceno, é possível que você já tenha ouvido falar ou talvez ainda não passou pelo seu radar, mas o Antropoceno é o conceito científico que trata da era geológica marcada pela atividade humana. O nosso print no planeta é tão profundo que nós ganhamos uma era geológica para chamar de nossa, e isso não é motivo para a gente se envaidescer. Por que eu acho que o Antropoceno é uma oportunidade grande para o jornalista fazer um trabalho de cobertura impactante, diferente e inusitado? Porque ele vai um pouco além da questão climática, ele acaba tratando de outros sistemas naturais que ultrapassam um pouco a questão do clima. Por exemplo, o tema das extinções em massa e toda relação que isso tem com a presença humana no planeta e todos os desdobramentos disso. A questão da água, que claro está presente no clima também, mas aqui por um outro viés. Todas as transformações que a gente vem fazendo no cenário por meio de obras de infraestrutura e os impactos que vem disso. Então eu sugiro que você pesquise sobre o Antropoceno, na bibliografia da aula eu deixei alguns materiais também, porque existe uma perspectiva interessante, jornalisticamente falando, sobretudo por conta do que vem acontecendo no Brasil durante o atual governo, a aceleração dos impactos de que decisões políticas estão tendo em todos os biomas brasileiros, as alterações na paisagem brasileira são profundas.

[00:13:25] Por fim, a gente sabe que tratar de clima alterado por atividade humana é um assunto denso, pesado, e que por muitas vezes vai abordar tragédias, e vai abordar resistência política e resistência de setores da indústria, de corporações e etc. Então eu quero deixar de despedida nessa primeira parte algumas razões históricas que podem renovar um pouco a nossa crença de que é possível, com esforço e com trabalho, mitigar esses impactos e amenizar a severidade desses impactos, e ao mesmo tempo promover algumas mudanças que são necessárias. Se a gente olha para a história recente, do século 20 para cá, existem alguns episódios onde algumas atividades de diferente natureza estavam impactando a saúde humana e a saúde do planeta. E a gente conseguiu conter essas situações. Então, por exemplo, regulamentar a indústria do alimento nos Estados Unidos, na Europa e depois com desdobramentos para o mundo todo foi uma luta extremamente árdua, não havia muito cuidado com os produtos ou com a forma como os produtos eram industrializados e consumidos. Isto gerava situações graves de doenças e de mortes, inclusive. A chuva ácida foi contida dos anos 90 para cá, assim como o consumo de tabaco vem diminuindo muito. E tudo isso envolve esforço coletivo. Mas eu acho que o exemplo mais próximo, tanto com relação ao tema quanto na ordem cronológica dos eventos, é o da camada de ozônio, porque ali houve um esforço global que se alimentou das informações vindas da ciência, cientistas do mundo todo se uniram para municiar a sociedade de informações relacionadas ao impacto que nós

estávamos causando, ou que um determinado hábito de consumo estava causando na camada de ozônio. A gente conseguiu promover uma mudança na indústria e promover uma mudança nesse hábito de consumo e gerar a transformação que a gente precisava, que era a recuperação da camada de ozônio. Eu acho que esse é um exemplo inspirador para a crise climática, que claro é um desafio muito maior por inúmeras razões. Mas não dá pra gente dizer que a gente não sabe o caminho, que a gente não tem as informações necessárias à disposição, e que a gente não sabe como fazer.

[00:16:06] Eu agradeço muito pela sua atenção e a gente se vê daqui a pouquinho na segunda parte da aula 3. Um abraço.